



A DES-CONSTRUÇÃO DO SENTIDO

E A FORMAÇÃO DO HUMOR EM JÔ SOARES

Albertina Felisbino

Resumo:

Médico sovina toma o pulso e não devolve; Essa tua vida é de morte; A comissão faz o ladrão. Absurdo? Ironia? Imitação? Insólito? Subversão? Crítica? Jogo? Óbvio? Semelhança? Destruição do sentido? Ou des-construção do sentido? É isso que tentaremos des-cobrir e re-velar no humor de Jô Soares, ou seja, de que estratégias se faz esse humor que arranca gargalhadas do leitor.

Resumé:

Médico sovina toma o pulso e não devolve; Essa tua vida é de morte; A comissão faz o ladrão. Absurde? Ironie? Imitation? Insolite? Sous-version? Critique? Jeu? Evidente? Similitude? Destruction du sens? Ou des- construction du sens? C'est cela que nous tenterons de-couvrir et révéler dans l'humour de Jô Soares, c'est à dire, à partir de quelles stratégies se fait cet humour qui arrache éclats de rire du lecteur.

Palavras-chave:

Humor, linguagem, discurso, des-construção.

1 ALGUMAS PALAVRAS INICIAIS

Linguagem. Gesto inaugural da consciência Humana de Ser, distinto, na espécie, por sua capacidade de re-criação do gesto que o coloca em contato com outro ser; gesto inesgotavelmente desafiador à ciência, que de todas as formas tem se dedicado a explicar como se dá, como ocorre, onde nasce, como se desenvolve, sem, no entanto, atingir-lhe a essência que, em muitos aspectos, continua, ainda, intocada; lugar de dizer, de fugacidade, de deslizamentos, de movimento, de des-construção, de tensão, de conflito, de constituição de Ser, de troca, de riso. E é no espaço onde a linguagem quer gerar o riso, que situamos este estudo.

Assim, este texto pretende ser um estudo sobre estratégias e formação do humor, mais especificamente, em Jô Soares, a partir de textos extraídos da página do Jô, quando o mesmo ainda escrevia para a revista Veja, no início dos anos 90.

Quando se fala em humor, imediatamente, a maioria das pessoas pensa em piada, anedota. A piada tem por finalidade fazer rir, portanto, em princípio, todas são dotadas de humor. Todavia, o mesmo não se pode dizer do humor, ou seja, o humor não se circunscreve à piada. Piada que não tem humor, não faz rir, deixa de ser piada, mas o humor pode emergir de textos que não sejam piadas.

As piadas têm servido a diversos estudos. Porém, em algumas situações, quando se fala em estudo de piadas, se vira uma piada, ou seja, se é motivo de riso. E por várias razões. Entre elas podemos afirmar o desconhecimento da complexidade, quer lingüística, quer discursiva, que a piada encerra; o preconceito é um outro fator que coloca o estudo da piada como sem muita utilidade. Por isso, antes de entrarmos na questão do humor, teremos algumas considerações sobre a importância/utilidade do estudo da piada.

Do ponto de vista da Análise do Discurso, o texto humorístico em forma de piada, funciona como um canal através do qual se insurge um discurso que, em geral, não se manifesta de modo oficial: é o segredo, o proibido, o subterrâneo que subjaz à piada.

No que se refere ao sentido, as piadas servem para mostrar a ambigüidade e os equívocos que a linguagem pode produzir.

Além disso, as piadas servem como exemplo para mostrar a relevância das condições de produção, o que, segundo Possenti (1998, p. 37), significa que [...] em termos genéricos, os discursos, para ocorrerem, exigem bem mais do que um locutor dotado de genialidade e inspiração. Ou seja, há necessidade de um lugar e de regras que expliquem porque o sujeito diz algo em determinadas circunstâncias e não em outras. Enfim o que determina o que pode e deve ser dito.

Ao lado disso, os textos humorísticos em forma de piadas servem para tratar da autoria (ausência), da intertextualidade e heterogeneidade discursiva, da ideologia, do papel do leitor no processo da leitura.

Como podemos ver, a piada se constitui num material muito rico, para uma variedade de estudos. Desta forma, estudar a piada é uma tarefa desafiadora, como já dissemos, pela complexidade lingüística e discursiva que ela encerra.

Entretanto, mais desafiador que estudar a piada, é estudar o humor. Como se consegue isso que brota do texto e faz rir?

Entendemos ser desafiador, haja vista que o humor não se restringe à piada, que, aliás, nem sempre faz rir. Há textos que não têm por finalidade fazer rir e, no entanto, o fazem; há outros cuja intenção é fazer rir e não o conseguem, apesar da vontade do autor; há ainda aqueles sem autoria que fazem, ou não, rir.

Assim, o humor não está circunscrito a uma tipologia textual, a um tipo específico de discurso; o humor é um efeito de sentido que se inscreve numa determinada formação discursiva, em determinada condição de produção; é um efeito de sentido, portanto, que atinge/contagia alguns sujeitos e não outros. Efeito de uma sintonia entre interlocutores, o humor se insurge no fazer-se, no dizer-se da linguagem. Entenda-se que os interlocutores podem se configurar como representações presenciais, corporeificadas; como representados através de seus dizeres (texto – leitor), ou como potencialidade como ocorre na não-autoria, ou ausência específica de autoria, como é o caso da piada, dos ditos populares, provérbios, etc..

Como se consegue tal efeito de sentido é o que pretendemos verificar. Para tanto, partimos do pressuposto de que o humor, enquanto efeito de sentido, resulta de um processo de des-construção de sentidos da própria linguagem. Tal processo faz emergir estratégias várias, através das quais os sentidos são veiculados. Entre tais estratégias, podemos citar a ironia, o non-sense, o óbvio, a subversão, o

insólito, o jogo, a semelhança, o absurdo.

A essas estratégias subjaz um processo de des-construção que destrói e re-constrói o próprio dizer, a linguagem e constitui sujeitos.

2 DESCONSTRUINDO...

A palavra desconstrução, no sentido como é usada neste trabalho, foi criada por Derrida, quando estudou as bases sobre as quais repousa a compreensão ocidental de racionalidade. Nesse estudo, Derrida propõe a de-sedimentação, a desconstrução da significação de logos [a razão, a palavra de Deus, a fala, o discurso], em especial a significação de verdade. Essa postura remete a uma outra que é a da suspensão, de deslocamento, do questionar tudo, cuja consequência é uma espécie de relativização da verdade, do absoluto, do cogito.

Segundo Arrojo (1991, p. 9), esse processo de desconstrução desenvolvido por Derrida

tem se dedicado, principalmente, a um desmascaramento quase obsessivo dos momentos de aporia, dos pontos cegos e das contradições subliminares que se instalam nas bases de qualquer dicotomia ou hierarquia a partir das quais elaboramos nossas ciências, nossas teorias e nossas visões de mundo.

Dessa forma, o trabalho do leitor/desconstrutor não se circunscreve à academia e aos estudos de linguagem.

Ao sacudir os alicerces de nossas mais caras e arraigadas convicções, a desconstrução de qualquer texto atinge necessariamente múltiplas dimensões: teóricas e filosóficas, institucionais e pedagógicas, familiares e sexuais, políticas e jurídicas, teológicas e científicas (Arrojo, 1991, p. 10).

Entendemos, pois, que o processo de desconstrução não representa uma materialidade definida através de um método, técnica e nem tampouco um modelo de crítica que possa ser sistematizado e aplicado. O projeto de desconstrução, no que diz respeito à linguagem, significa destruição e reconstrução de sentidos, ou seja, des-construção, um deslocamento. Isso significa que os sentidos não são sempre-os-mesmos; que os sentidos não estão sempre-já-lá; que há uma flutuação, um movimento que caracteriza o vir-a-ser-sempre da linguagem: efeito de sentido.

O projeto de desconstrução de Derrida tem outras implicações, a saber:

- a) desconstrução do sentido clássico de literalidade, de um significado depositado na palavra, na letra, anteriormente e imune à interpretação de um sujeito;
- b) desconstrução do sujeito cartesiano no que se refere à sua ilusão de presença, ou seja, o projeto atualiza e rearticula o desmascaramento de autonomia do sujeito consciente, 'senhor' da racionalidade. (Arrojo, 1991, p. 13);
- c) põe em xeque a construção de signo de Saussure ao mostrar que a concepção de significado inaugural/primordial, existente mesmo antes da própria linguagem, não passa de ilusão: não há signo lingüístico antes da escritura (Derrida, 1973, p. 17) e que, portanto, não existe um significado primeiro original. Ou seja, em cada novo ato de linguagem, todo significado não é senão mais um significante. Entretanto, para tornar possível a própria comunicação/expressão humana através da linguagem, a ilusão do significado atingido, da construção do signo tem de ocorrer.

Segundo Grigoletto (1991, p. 32),

para que se inscreva um texto e se construa a escritura, a noção de ausência de significado em posição de primazia em relação ao significante e de multiplicidade de significantes tem de ser esquecida momentaneamente, para dar lugar à ilusão de se ter atingido um significado único (naquele momento), o que torna possível a construção de um texto.

Esta concepção conduz à necessidade de negar a idéia de significado inscrito, fixo e imutável, determinado pelo autor em seu texto e que o leitor vai buscar. Isso porque tanto a leitura quanto a escrita se constroem em um presente circunscrito pelo tempo e espaço e em cada nova escritura. Ler é, pois,

inscrever uma escritura que é única a cada novo ato, pois que se recorta a partir da polissemia de múltiplos significantes, dos quais um é eleito e se instaura como significado (Grigoletto, 1991, p. 33).

Diante da polissemia, da disseminação incontida de significantes (idem, ibidem), a compreensão da linguagem entre sujeitos é possível, porque a interação ocorre a partir de um discurso determinado social e historicamente, e institucionalizado, onde se circunscreve a polissemia.

Segundo Foucault (1971), no interior desse discurso institucionalizado, o jogo é limitado e a polissemia do signo não é arbitrária ou incontrolada. E o sujeito, ao se expressar, constrói mais uma ilusão: a de que cria um discurso original e que esse discurso é seu, de sua autoria.

A seguir analisaremos as estratégias e formação de humor em textos de Jô Soares.

3 PROPRIEDADES, ESTRATÉGIAS DE FORMAÇÃO DE HUMOR EM JÔ SOARES

1. No início dos anos 90, andei muito ocupada, lendo a página de Jô Soares, na revista Veja. Prestaram atenção ao que eu escrevi?...andei muito ocupada, lendo e pior, a página de Jô Soares – que, se tivesse, seria um 'paginão'!

Eis a primeira propriedade do humor de Jô: reflexão metalingüística.

Jô nos mostra os absurdos (!?) da língua(gem). Exemplos desses absurdos podem ser encontrados em:

Gostei. Este sorvete é quente;

Aí ele chorou de tanto rir;

Motorista, pegue um táxi e vá voando para o aeroporto (Veja, 28/11/90).

Neste tipo de humor, ocorre um desmascaramento de um dizer instituído como lógico, cristalizado pelo senso-comum. Trazer à tona o paradoxo e o absurdo do dito é o que torna engraçado esses dizeres. É no momento em que os sujeitos desvelam a incongruência da linguagem que se instala o humor. Neste espaço, busca-se a logicidade através do ilógico que está dito e que todos repetem, sem se darem conta do absurdo. Aqui fica, pois, evidenciada a ilusão de verdade no ato da linguagem. O sujeito faz de conta que o que diz é lógico, porque é dessa forma que está instituído pela ordem legítima do senso-comum.

Assim, conduzindo o leitor a um processo de metalinguagem, no qual o sujeito opera um processo de des-construção da linguagem, Jô Soares consegue transformar o comum em inédito; o sem-graça em hilariante; o dito em não-dito; o mesmo em diferente.

2. A destruição do sentido, perpassada pelo processo de des-construção, também é um processo constitutivo da linguagem e que está presente no humor de Jô Soares. Veja:

A comissão faz o ladrão;

Quem vê cara não vê coalizão;

Quem tem boca vai e arruma;

Quando não malte, esfolia;
Quando a esmola é demais, o lobby desconfia;
Uma aliança só não faz verão (Veja, 02/10/91).

Nos exemplos acima, um sentido é totalmente destruído para a construção de um outro, diferente. Isso requer do sujeito o deslocamento para uma outra formação discursiva, para um outro lugar.

Nesse caso, o humor expresso tem a ver com o estado de mundo que se revela, eliminando-se um estado de mundo já dado, já-dito. Esquemáticamente, teríamos, por exemplo:

Estado de mundo já dado Estado de mundo que se revela
Ocasão ----- Ladrão ----- Corrupção ----- Ladrão
Males ----- Mello ----- Família Mello ----- Rejeição ao Presidente

Neste deslizar, os sentidos vão sendo destruídos, permanecendo aquele que se des-vela, a partir do estado de mundo existente. Onde está o humor, neste caso específico? O humor parece emergir da intensidade da agressão provocada pela destruição do sentido e do des-velamento do mundo, da situação. Aqui se poderia dizer que a ironia que permeia os textos é das mais agressivas e, por mais estranho que pareça, é esta agressividade que faz surgir o humor.

O humor de Jô Soares funciona, assim, como um princípio de estruturação textual em que há uma dissonância produzida pela repetição e pelo deslocamento simultâneo, atenta contra a integridade da linguagem, contra seu produto instituído; é um dos modos de significar que constitui esse processo de destruição do sentido: processo em que a linguagem se nega e se reconstrói.

3. O humor de Jô Soares chega, em algumas situações, à raia do absurdo, ao insólito. Vejamos:

Departamento de Desinformação

O corpo Humano

Quando os olhos se fixam numa lâmpada, transmitem idéias luminosas;
O abdômen é a barriga do homem, assim como a abdona é a barriga da mulher;
Os principais ossos da perna são os que ficam do lado de dentro (Veja, 14/03/90).

O insólito, o non-sense é a tônica neste tipo de humor que somente será entendido por aqueles que dominam, primeiro, o significado pré-instituído, caso contrário será um humor abortado. Isto porque o humor, altamente irônico, dá-se pelo estabelecimento de uma região significativa, de um espaço de linguagem em que alusões e rupturas de significação são desenvolvidas. E este espaço deve ser visto e dominado pelos interlocutores a quem compete apreender o referente e a própria linguagem.

O efeito humorístico é conseguido através da instauração do insólito, do incongruente, pressupondo a congruência e solidez do senso-comum. Essa congruência é aprendida em sua função de ruptura, de destruição. A des-construção de sentido fica evidenciada, não somente pela suspensão de um sentido já dado, mas também pela explicitação no próprio texto, como é o caso de abdômen e abdona. O jogo associativo omen/dona é que faz surgir o humor.

4. A imitação com desvios – subversão do sentido – é outra marca do humor de Jô Soares.

Quando a esmola é muita o pobre fica rico (Veja, 13/06/90);
Se te atiram um pedra, desvia-te que ela se tornará preciosa (Veja 13/06/90);
Um homem prevenido só vale por dois desprevenidos (Veja, 25/07/90);
Sua vida era um livro aberto, mas muito mal escrito (Veja, 07/11/90).

Aqui fica evidente a des-construção do sentido. Os textos acima têm sua origem num dito popular. Iniciamos a leitura, prevendo um sentido e somos surpreendidos por outro que se deve instalar, imediatamente, caso contrário não haverá humor. É o desvio, a subversão, o não-esperado que gera o humor. É o processo de ruptura do já-dito, do já cristalizado pelo senso-comum que se traduz em efeito humorístico.

5. O óbvio, o senso-comum também estão configurados no humor de Jô Soares:

Corte uma minhoca ao meio e você terá duas minhocas. Corte um general ao meio e você terá problemas (Veja, 13/07/90);
Nunca batias em alguém mais fraco do que tu. Nem em alguém mais forte, que ele revidava (Veja, 13/07/90).

Nestas características do humor de Jô Soares (também no item 4) a linguagem tem a forma de eco e ruptura, porque relativiza os estados de mundo já fixados, instituindo outros estados de mundo. Quando deslocam o senso-comum, colocam em jogo suposições prévias que asseguram o funcionamento do senso-comum. O efeito de eco e ruptura deriva do efeito de eco e ruptura: ao repetir desloca; ao insistir na igualdade, difere.

6. O humor, ao que parece, atinge sua eficácia, também, quando produz o prazer do jogo, configurando-se, em outra marca, no humor de Jô Soares.

A coincidência é uma coisa tão incrível que nunca pode ser mera;
É melhor não dizer nada do que não ter nada para dizer;
Se um filme ruim é um abacaxi, um abacaxi ruim é um bom filme?;
Filho de banqueiro só empina papagaio com juros (Veja, 25/07/90).

Nestes exemplos, através do jogo de palavras e de sentido, um sentido 'atual' é deslocado, e se instaura um sentido que não se configura como contraditório, dissemelhante, mas que questiona a própria logicidade da linguagem.

O exemplo Se um filme ruim é um abacaxi, um abacaxi ruim é um bom filme?, questiona o próprio princípio de verdade, já que alguns sentidos se originam numa premissa falsa. Parece-nos que o insólito é afirmar que um filme é um abacaxi; questionar, nesse contexto, se um abacaxi ruim é um bom filme?, revela-se absolutamente lógico, a partir do funcionamento da própria linguagem, ou seja, a logicidade (?) da própria linguagem é que gerou o absurdo (?) dela mesma.

O humor reside no fato, então, de des-velar o ridículo que existe em algumas situações de linguagem, em certas afirmações.

Há inúmeros exemplos em que o humor de Jô Soares joga com a linguagem, desnudando-a; colocando-se na posição do interlocutor, compreende, interpreta o óbvio. Entretanto, o compreender o óbvio traz a público outras vozes, outros discursos, em geral ridículos, sugeridos a partir do senso-comum instituído e, às vezes, também, ridículo.

Exemplificando:

Quando se lê numa rua a placa 'Cuidado crianças', é para tomar-se atenção e não porque elas sejam perigosas (Veja, 13/03/91).

Neste exemplo, o sentido instituído é: Reduza a velocidade, crianças poderão estar atravessando a rua. Entretanto, existe a compreensão popular e jocosa de que as crianças, em geral, são peraltas, 'perigosas.'

Situação semelhante ocorre em:

Cada vez que você encontrar um sinal marcando 'Atenção, homens trabalhando', pare e tire o chapéu em sinal de respeito (Veja, 13/03/91).

Aqui, se quer ridicularizar o fato de que a maioria dos homens não gosta de trabalhar.

Outros exemplos em que o jogo de linguagem se volta para ela mesma:
Comprou um fogão de seis bocas, mas não dizia uma palavra;

Médico sovina toma o pulso e não devolve;

7. A subversão da linguagem, a subversão da gramática também caracterizam o humor em análise:

Vendem-se gaiolas sem grades para ecologistas;

A música dodecafônica pode ser muito cafônica (Veja, 22/08/90);

Conjunto: uma orquestra que encolheu (Veja, 22/08/90).

Desaprenda

Todo mundo sabe que 'ventrículo' é um ventríloquo que trabalha de costas, mas muitos ignoram que 'obstrução' é o nome que se dá a uma construção feita sobre a outra. (...) Finalmente, ninguém precisa se formar em Medicina, para saber que 'patologia' é um ramo de veterinária dedicado exclusivamente aos patos e que desferir é o ato de remover uma ferida. Enfim o mesmo que curar (Veja, 06/02/91).

Este último texto é altamente irônico, sendo que a ironia exerce o papel de uma dissonância, de uma incongruência, produzindo, pela transgressão da linguagem e da gramática, um deslocamento, uma subversão, um processo de des-construção de sentido. Aqui, a ironia faz o jogo entre um significado único e o significado múltiplo; é um ato que somente se completa na negação da linguagem, onde convive a vontade do sentido absoluto, concomitante à sua total destruição.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O discurso humorístico de Jô Soares é perpassado pelo insólito, pela imitação com desvios, pela subversão da linguagem e da gramática, pela re-velação da ambigüidade. A ironia constitui-se na característica mais marcante do discurso e a força geradora dos processos antes mencionados.

Já afirmamos anteriormente que o humor irônico se realiza pelo estabelecimento de uma região significante, de um espaço de linguagem em que, não só simulações, mas também alusões e mesmo rupturas de significação podem ser desenvolvidas. É nessa região significante que explode a polissemia do significado; é onde se evidencia o processo de des-construção de um sentido único, fixo, já dado. É nessa região que a linguagem se faz, se des-constrói, instalando um dizer que nunca se disse, pois constitui, integra a pluralidade dos dizeres que marca a linguagem humana.

Este espaço deve ser apreendido pelos interlocutores, pelo referente, pela própria linguagem.

Do ponto de vista dos interlocutores, a relação entre locutor e destinatário instala uma forma de polifonia, que gera um distanciamento em que se deve levar em conta, ao mesmo tempo, a intenção do locutor e os modos de engajamento do interlocutor. Isso porque, dependendo do lugar de que falam, as diferentes vozes serão ouvidas, ou não.

Nesta perspectiva, o humor irônico de Jô Soares provoca um distanciamento muito grande entre os interlocutores, porque restringe o tipo de interlocutor capaz de compreender o discurso em questão. A formação discursiva dos interlocutores a quem se destina o humor é bastante 'seleta' e ao mesmo tempo variada. Não é qualquer interlocutor que apreenderia esse tipo de humor. O domínio discursivo está muito além daqueles que a população, em geral, possui. Por exemplo:

Executaram Bethoven com a admirável maestria. Depois do espetáculo vieram reclamar o corpo (Veja, 22/08/90).

Quantos interlocutores sabem quem foi Bethoven, para compreender este humor cuja significação se concentra em Executaram?

Da mesma forma:

Quem vê cara não vê coalizão;

Quem semeia ventos faz maior importação de grãos da história (Veja, 02/10/90).

Do ponto de vista do referente, a relação é marcada pela possibilidade de deslocar os valores verdade/não-verdade. Assim no humor irônico desloca-se um estado de mundo já fixado e se institui outro. Instaura-se um outro modo de interlocução, de um outro tipo de discurso, colocando em jogo nossas convicções, nossas suposições prévias; a suspensão do senso-comum.

Segundo ORLANDI (1986, p. 87),

a suspensão do senso-comum, dá-se em vários domínios: em relação à própria língua e ao uso que fazemos dela; ao conhecimento; ao real; aos mecanismos sociais, etc..

Desta forma, o humor, aqui analisado, estabelece um recorte em que atuam nosso universo lingüístico, cultural, ideológico, através da relação crítica com o senso-comum, ou com a ordem legítima.

No humor de Jô Soares, jogamos com todos esses domínios. Assim, o alcance deste humor é restrito, porque seus efeitos somente atingirão aqueles que o praticam e estão de acordo com seus lugares sociais.

No que se refere à linguagem, o humor tematiza a própria natureza da linguagem e a instauração de processos de significação. Neste sentido, o humor de Jô Soares caracteriza-se pelo jogo da linguagem, pela subversão da gramática, pela des-construção e reconstrução do sentido, pela repetição, pela imitação, pela contradição, pelo óbvio.

Finalmente é através da ironia que o autor deixa a descoberto os problemas sociais, suas contradições, os problemas humanos; é através do 'non-sense' que busca sentido; é através do ilógico que atinge o lógico; é através da ironia que faz falar em as múltiplas vozes que, permanecendo no anonimato, gritam e ninguém ouve, dizendo, profundamente, o poético.

BIBLIOGRAFIA

1. ARROJO, Rosemary. (Org.) O signo desconstruído: implicações para a tradução, a leitura e o ensino. Campinas: Pontes, 1992.
2. DERRIDA, J. Gramatologia. (Trad. de M. Schnaiderman e R. Janini Ribeiro). São Paulo: Perspectiva, 1973.
3. DERRIDA, J. Estrutura, signo e jogo no discurso das ciências humanas. In: MACKSEY, R. e DONATO, E. (Orgs.). A controvérsia estruturalista. São Paulo: Cultrix, 1976.

4. DUCROT, Oswald. O dizer e o dito. São Paulo: Pontes, 1987.
5. FOUCAULT, M.. L'ordre du Discours. Paris: Gallimard, 1972
6. MAINGUENEAU, Dominique. Novas tendências em análise do discurso. São Paulo: Pontes, 1989.
7. ORLANDI, Erni Pulcienelli. Destruição e construção do Sentido. In: O histórico e o Discursivo. Uberaba: FIUB, 1986.
8. POSSENTI, Sírio. Os humores da língua: análises lingüísticas de piadas. Campinas: Mercado de Letras, 1998.
9. REYES, Graciela. Polifonia textual: la citación en relato literario. Madrid: Biblioteca Románica Hispánica, ed. Gredos..
10. SAUSSURE, F. Curso de lingüística geral. São Paulo: Cultrix, 1971.

